

Bancos não têm boas expectativas

WASHINGTON — Depois de apresentar a lista de condições que os banqueiros estão exigindo atualmente para se disporem a ser mais flexíveis na renegociação da dívida externa, o Diretor do Instituto de Finanças Internacionais, Horst Schulmann, comentou que até o momento os credores não vêem muitas chances de sucesso.

— Como já é muito bem sabido, hoje tanto a Argentina quanto o Brasil não estão cumprindo aquelas condições. Quando houver algum progresso naqueles pontos, os bancos estarão prontos para cooperar com o Fundo Monetário Internacional e com o Banco Mundial em programas de redução da dívida e de seu serviço — disse ele.

Schulmann insistiu, uma vez mais, na necessidade de se promover um sólido programa econômico. E, então, comentou:

— A Argentina e o Brasil não são exatamente modelos exemplares com relação a isso. Muitos de vocês mesmos já devem ter parado de contar quantos programas econômicos esses dois países já acertaram com o FMI desde 1982...

Logo em seguida, ele acabaria acrescentando mais um ponto à lista anterior. Ele sugeriu que o Brasil fosse mais dócil ao lidar com os investidores estrangeiros:

— Seria do maior interesse de todas as partes (envolvidas na negociação) que os programas de

redução da dívida incluíssem um componente substancial de troca de dívida (por investimentos), que contemplasse os investidores estrangeiros com um tratamento que fosse no mínimo tão bom quanto o dispensado aos investidores domésticos — disse ele.

Horst Schulmann disse que os devedores, como o Brasil, devem reconhecer que “os bancos já fizeram sacrifícios muito grandes” para reescalonar as dívidas dos países em desenvolvimento. Ele disse que a partir de 1985 já foram reduzidos US\$ 77 bilhões da dívida dos 15 maiores devedores, ou seja, o equivalente a um terço dela, através de várias opções.

— Nós calculamos que os bancos já tiveram perdas de US\$ 46 bilhões nesse processo. Nenhum outro grupo credor teve prejuízos tão grandes como os nossos — disse Schulmann, procurando dar um tom de lamento à sua voz. — Há muitas lembranças ruins dos anos 80, e hoje ainda permanecem muitas incertezas — disse ele, concluindo a entrevista.

Um dos aspectos curiosos da conversa foi o de que o Diretor do Instituto de Finanças Internacionais repetiu, várias vezes, que falava em nome de 182 bancos. E uma lista fornecida por ele mostrava que o Banco do Brasil faz parte desse grupo. (J.M.P.)